



A PERSPECTIVA DO GÊNERO NOS ESTUDOS DA MASCULINIDADE: análise da personagem Orlando de Virginia Woolf¹

Emília Dieterich*

RESUMO

A investigação deste artigo concentra-se em observar a perspectiva do gênero masculino na personagem Orlando, da obra de Virginia Woolf, escritora modernista inglesa. Na obra **Orlando**, passa por um processo transitório de mudança de sexo, ou seja, a narrativa começa com um jovem inglês bem nascido que após ter vivido várias paixões e crises pessoais transforma-se em mulher. Logo após essa transformação fantástica, muitas questões chamam atenção para a mudança de papel e, portanto de comportamento de gêneros, enfocando a maneira como os homens são contextualizados no meio social.

Palavras-chave: Literatura Inglesa. Romance. Personagem. Gênero.

1 INTRODUÇÃO

Ao ler **Orlando** da escritora inglesa Virginia Woolf, percebe-se características na personagem que nos fazem repensar a imagem do masculino, pois a configuração de Orlando se dá através da oscilação entre o feminino e o masculino; não há o papel social da mulher e sim o papel social dos gêneros, em um processo de transição fantástico da personagem que passa de homem para mulher.

Na obra, a personagem é apresentada nas primeiras páginas como um nobre e belo rapaz e a última vez que o vemos é enquanto mulher de trinta e seis anos. Entre esse espaço, Orlando experimenta a decepção amorosa pelas mãos de Sasha, uma princesa russa que o seduz e desaparece. É enquanto cônsul na Turquia que, com trinta anos, acorda após um sono

¹Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Letras, do *campus* Universitário de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), em 2005, sob orientação da Dra. Walnice Vilalva.

*Graduada em Licenciatura Plena em Letras, pela Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT). Cursando a Especialização Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa pelo Curso de Letras da UNEMAT / Sinop (2011/2012).

de sete dias para descobrir que o seu corpo é agora o de uma mulher. Após a transformação, regressa para a terra natal, e vai vivenciar e entrar em um processo de compreensão das contingências dos dois sexos. Ao final do livro, Orlando, mulher e madura, encontra o amor nos braços de Shelmerdine, que lhe dará um filho. O duplo sexo da personagem permite que ela experimente várias vidas, todas satisfatórias e agitadas, no entanto, ao assumir um dos sexos, descobre as imposições sociais e a falta de saídas.

A configuração de Orlando se dá através da oscilação entre o feminino e o masculino. Quando Orlando deixa de ser homem e passa a ser mulher muitas questões chamam atenção na mudança de papel e, portanto de comportamento dos gêneros. Para analisarmos esse comportamento é importante entendermos o que realmente significa masculino e feminino, o que significa ser homem e o que significa ser mulher. É necessário nos atentarmos para a definição de tais conceitos. “A construção cultural do gênero é evidente quando se verifica que ser homem ou ser mulher nem sempre supõe o mesmo em diferentes sociedades ou em épocas”. (STREY, 2000, p.180).

Embora a sociedade utilize os termos ‘sexo’ e ‘gênero’ como sinônimos, trata-se de dois conceitos diferentes que se referem a aspectos distintos da vida humana. Sexo não é gênero. Ser feminina não significa ser mulher e ser masculino não significa ser homem. Enquanto as diferenças de sexo são físicas, as diferenças de gênero são socialmente construídas. As palavras de Marlene Neves Strey demonstram bem essa diferenciação:

Sexo diz respeito às características fisiológicas relativas à procriação, à reprodução biológica. [...] O sexo biológico, ou seja, as características anátomo-fisiológicas das pessoas vêm determinada em geral, pela dotação cromossômica, pelas estruturas gonadais e pela dotação hormonal (fetal, pós-natal e puberal) responsáveis da estruturação genital interna e externa dos caracteres sexuais secundários (desenvolvidos na puberdade). [...] Gênero está relacionado às diferenças sexuais, mas não necessariamente às diferenças fisiológicas como as vemos em nossa sociedade. O gênero depende de como a sociedade vê a relação que transforma um macho em um homem e uma fêmea em uma mulher. (STREY, 2000, p.182-183).

O sexo biológico não determina o desenvolvimento posterior em relação aos nossos comportamentos, interesses, estilos de vida, responsabilidades ou papéis a desempenhar. Não há como determinarmos, no simples fato de nascer homem ou mulher, nosso sentimento, consciência, ponto de vista afetivo, emocional e psicológico. Isso tudo é determinado pelo processo social em que fomos inseridos dentro de um processo histórico.

O conceito de gênero abre uma brecha no conhecimento sobre a mulher e o homem, na qual torna possível uma compreensão renovadora e transformadora de suas

diferenças e desigualdades. Para além das diferenças individuais, é importante salientar as interações sociais que influem nos resultados educativos e ocupacionais, entre outros tantos. (STREY, 2000, p.184).

A discussão proposta por Virginia Woolf nesta obra é apresentar o ser feminino e o ser masculino como uma questão histórica, assim como afirma Saffioti em seu livro **O poder do macho**: “Rigorosamente, os seres humanos nascem machos e fêmeas. É através da educação que recebem que se tornam homens e mulheres. A identidade social é, portanto, socialmente construída”. (SAFFIOTI, 1984, p.10). A maneira como homens e mulheres é contextualizada no meio social está relacionada com o sexo, isto é, o sexo fornece a base para a divisão sexual do trabalho na sociedade, Saffioti expõe com clareza o que a sociedade espera de cada um dos sexos:

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumprido pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem. (SAFFIOTI, 1984, p.08).

Nesta visão, as diferenças entre mulheres e homens refletem fatores culturais, ou seja, espera-se que homens sejam de uma maneira e mulheres sejam de outra. “A sociedade tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico à mulher decorre de sua capacidade de ser mãe”. (SAFFIOTI, 1984, p.09) De acordo com este pensamento, é ‘natural’ que a mulher se dedique aos afazeres domésticos, aí compreendidos a educação dos filhos, como é ‘natural’ sua capacidade de conceber e dar a luz, ou seja, a responsabilidade pela casa e pelos filhos é direcionada ao elemento feminino.

Isto quer dizer, segundo Saffioti que quando se afirma que é ‘natural’ que a mulher ocupe o espaço doméstico e deixe livre para o homem o espaço público, está rigorosamente, naturalizando um resultado da história.

Após esse entendimento, passamos a analisar a perspectiva do gênero masculino, analisando a personagem em sua passagem enquanto homem, ou seja, sua conduta enquanto homem, o seu ideal de masculinidade.

2 A PERSPECTIVA DO GÊNERO MASCULINO NA PERSONAGEM ORLANDO

Apesar da transformação fantástica e a mudança de sexo, Orlando viveu trinta anos sendo homem e conseqüentemente agindo dentro de um universo masculino, como o próprio livro anuncia: “Ele – porque não havia dúvida a respeito do seu sexo, embora a moda do

tempo concorresse para disfarçá-lo” (WOOLF, 2000, p.07). A infância de Orlando traz características dos ensinamentos herdados a uma criança do sexo masculino. No primeiro momento do livro nos deparamos com ele atacando a cabeça decepada de um mouro; Orlando gostava de passar tardes inteiras andando pelo bosque sozinho, não possuía a obrigação de dar satisfações das suas saídas, desfrutava de certa liberdade que nenhuma criança do sexo feminino desfrutaria.

Quando atingiu certa idade teve um relacionamento amoroso com a rainha, que o pegou beijando uma moça. No livro, encontramos a indagação do ato da personagem: “A culpa era de Orlando, talvez; mas apesar de tudo, poderemos censurar Orlando?” (WOOLF, 2000, p. 15). O próprio livro traz a resposta: “Era jovem, era ingênuo. Fez apenas o que a natureza lhe ordenou”. (WOOLF, 2000, p.15). A ação de Orlando foi justificada, conforme os princípios da sociedade, pelo fato de ser uma característica própria da natureza dos homens, ou seja, uma força ativa que constitui o ser humano, no caso, os homens, estabelecendo e conservando a ordem natural do comportamento do indivíduo.

Diversas razões psicológicas são expostas para explicar o comportamento desigual do homem que trai mais do que a mulher. A mulher é responsabilizada, segundo a teoria da sociedade, por ser traída, uma vez que o marido trai a mulher porque ela está sempre indisposta, preocupada exclusivamente com os seus deveres de mãe, profissional e de dona-de-casa, deixando-o em um plano secundário, e deixando de cuidar da sua aparência. Na realidade por todas essas razões a mulher dá ao marido a matéria prima para o adultério. Saffioti expõe essa idéia em seu livro: “A sociedade não apenas aceita o adultério masculino como também encontra sempre uma maneira de justificá-lo através de condutas da esposa”. (SAFFIOTI, 1984, p.36).

Orlando sofreu uma dolorosa decepção amorosa com o seu relacionamento com a princesa russa Sacha. A decepção juntando-se com os problemas com a corte e os nobres ocasionaram um momento de depressão na vida da personagem, que procurou se isolar conforme podemos ver:

No verão daquele calamitoso inverno que viu a geada, a inundação, tantos milhares de mortes e a completa derrota das esperanças de Orlando – pois foi exilado da corte, caiu em desgraça com os nobres mais poderosos de seu tempo [...] Orlando retirou-se para a sua grande casa de campo, e aí viveu em completa solidão. (WOOLF, 2000, p.39).

Orlando foi afetado pelos valores da sociedade da época e acabou sofrendo uma crise interior por estar fora das normas de como um nobre homem, um fidalgo deveria agir, pois

assim como é estabelecido para a mulher um papel na sociedade, também é estabelecido ao homem: “Numa sociedade em que as práticas cotidianas mutilam várias dimensões da personalidade feminina, existem também condutas impostas aos homens, que limitam extraordinariamente seu desenvolvimento”. (SAFFIOTI, 1984 p.26)

Orlando possuía costumes que fugiam as regras da conduta de um homem fidalgo:

Orlando era um fidalgo afligido pelo amor à literatura [...] Assim tinham sido escritas, antes dos seus vinte e cinco anos, umas quarenta e sete comédias, histórias, romances, poemas, uns em prosa, outros em verso, uns em francês, outros em italiano, todos românticos e todos longos. Mandara imprimir [...] mas, embora a vista dessa obra lhe causasse imensa alegria, nunca a ousara mostrar nem mesmo a sua mãe, pois escrever, e principalmente publicar, sabia-se que era, para um fidalgo, uma imperdoável desgraça. (WOOLF, 2000, p.44 - 46).

Ao contrário da mulher, que desfruta de ampla e total autorização da sociedade para deixar seus sentimentos e emoções fluir o tempo todo, quando e onde quiser, o homem para ‘parecer’ homem é forçado, desde cedo a reprimir a maioria das suas emoções, é o que podemos analisar na personagem Orlando, que foi obrigado em detrimento da sociedade a esconder seu amor à literatura. Este trecho representa bem essa ideia:

[...] um homem que nunca hesitou em encabeçar um ataque ou bater-se em duelo – pudesse ser tão sujeito à letargia do pensamento, e com isso se pudesse ser tão suscetível que, em se tratando de poesia, ou de sua competência poética, ficasse tímido como uma menina encolhida atrás da porta da sua cabana. (WOOLF, 2000, p.60).

Ser masculino em uma atmosfera social começa na escolha da cor das roupas do bebê, brinquedos, heróis, esportes, estudo, amigos, paqueras, profissão e papel na família. Ser homem corresponde a uma série de requisitos a serem cumpridos como declara Saffioti (1984 p.24): “Para agir como macho representado na ideologia dominante o homem deve aceitar, ainda que inconscientemente, sua própria castração”.

Ao homem coube o espaço fora de casa, de caçar, de construir, de produzir e a mulher o espaço do lar, de nutrir de comida e afeto, de educar, de se responsabilizar pelo outro. “O macho é considerado o provedor das necessidades da família. [...] cabe ao homem ganhar o maior salário a fim de desincumbir de sua função de chefe [...], não lhe é permitido fracassar”. (SAFFIOTI, 1984, p.24) Porém, com tantas pressões o homem vive um terrível conflito da masculinidade, este conflito é bem representado nas palavras de Saffioti:

Como exigir de todos os homens que tenham sucesso no campo econômico? Como impor-lhes a necessidade de ganharem seu próprio sustento e o de toda a sua família? Como responsabilizá-los pelo seu “fracasso”? [...] Quantos homens não

perdem o desejo de viver em face da impossibilidade de cumprir o destino que a sociedade lhes reserva? Quantos não se tornam alcoólatras ao cabo de um longo período de buscas infrutíferas de emprego? Quantos não se tornam sexualmente impotentes [...] Quantos não se tornam violentos [...] em virtude do desespero provocado pelo desemprego. (SAFFIOTI, 1984, p.25).

Isso é algo muito ameaçador para a ‘masculinidade’, esse absurdo padrão de conduta criado e mantido à força, acaba por trazer conseqüências muito graves na vida de alguns homens que não conseguem seguir o padrão estabelecido. Orlando é um exemplo de homem que por não conseguir, em certo momento, ser aceito por suas condutas diferenciadas passa por uma profunda decepção frente à sociedade que o cerca e acaba por preferir o isolamento. No trecho abaixo encontramos a prova:

Orlando entregava-se agora a uma vida de extrema solidão. Sua desgraça na corte e as violências de seu sofrimento eram, em parte, a razão disso; [...] era lamentável ver definhar pela casa tão gentil cavalheiro, quando bem podia estar caçando a raposa ou perseguindo cervos; e até as rapariguinhas das cozinhas e da rouparia, as Judys e as Faith, que passavam os jarros e os bolos, juntavam seu testemunho sobre a cortesia de seu amo. (WOOLF, 2000, p.41 e 42).

Portanto, não só as mulheres são afetadas por possuírem papéis designados, assim como elas, os homens também possuem tarefas a desempenhar imposta pela sociedade. Para a sociedade ‘ser homem’ significa ter êxito econômico. A imagem masculina está associada a valores como força, razão, coragem. Logo os raquíticos, os afetivos, tímidos são obrigados a disfarçarem certas qualidades por serem consideradas femininas e negativas.

3 CONCLUSÃO

Ao analisar a personagem em sua passagem enquanto homem encontramos a fragilidade no sexo que supostamente é ‘forte’. O homem não possui autorização da sociedade para demonstrar suas emoções, tidas como fraquezas, porém percebemos que esse é um mito que a sociedade criou, os homens sofrem e se emocionam tão frequentemente quanto às mulheres, prova disso foi a fraqueza de Orlando perante a perda de sua amada Sacha.

Outro fator observado é a aceitação social em relação à vida sexual dos homens. A sociedade justifica as ações de homens infiéis como sendo uma característica própria da natureza dos homens, podendo ser comprovado com a naturalidade com que lidaram com a traição de Orlando para com a rainha.

Por fim, vale ressaltar novamente a pressão que os homens sofrem por possuírem papéis designados pela sociedade. Assim como as mulheres, para os homens também são associados certos conceitos prontos do que é ser masculino que têm prejudicado muitos deles.

**THE PERSPECTIVE OF GENRE ABOUT MASCULINITY STUDIES:
analysis of Orlando character by Virginia Woolf**

ABSTRACT²

The research of this article focuses on observing the perspective of male genre in the Orlando character, a work of Virginia Woolf, English modernist writer. In the work, **Orlando** goes through a transitional process of sex exchange, that is, the narrative begins with a well-born young Englishman, who after having lived several passions and personal crises, becomes a woman. Just after this amazing transformation, many questions draw the attention to the exchange of role and therefore the genres behavior, to focus on the way how men are contextualized in the society.

Keywords: English Literature. Novel. Character. Genre.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Ed. Unesp-Hucitec, 1990.
- BURKE, Peter (Org.). História do corpo. In: **A escrita da história**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- JAGGAR, A.; BORDO, Susan R. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record-Rosa dos tempos, 1997.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. 5.ed. São Paulo: Moderna, 1984.
- STREY, Marlene Neves. Gênero. In: **Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- WOOLF, Virginia. **Orlando**. Trad. Cecília Meireles. São Paulo: Nova Fronteira, 2000.

² Transcrição realizada pela aluna Emília Dieterich e revisão pela aluna Viviane Rossato, do Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa.